

Do Silêncio ao Gesto: caminhos contemporâneos de luto e memória em um caso de morte violenta em Vitória (ES)

From Silence to Gesture:

*Contemporary Practices of Mourning and Memory in a
Case of Violent Death in Vitória (ES)*

Del Silencio al Gesto:

*Prácticas contemporáneas de duelo y memoria en un caso
de muerte violenta en Vitória (ES)*

Paloma Barcelos Teixeira¹

 [0000-0002-6594-0533](https://orcid.org/0000-0002-6594-0533)

Resumo: Considerando o morrer e os rituais que o cercam como construções sociais, este artigo analisa formas contemporâneas de externalização do luto a partir do caso do assassinato de um jovem em Vitória (Espírito Santo - Brasil). Para tanto, analisa-se material de redes sociais, jornais locais e registros fotográficos. Observa-se que manifestações simbólicas públicas e corporais funcionam como formas de reivindicação e memória, apontando para transformações nos modos de viver, compartilhar e territorializar o luto.

Palavras-chave: Luto-Contemporâneo. Memória. Externalização do Luto. Corpo.

Abstract: Considering dying and the rituals surrounding it as socially constructed, this article examines contemporary practices of mourning externalization through the case of a young man's murder in Vitória (Espírito Santo - Brazil). The analysis draws on materials from social media, local newspapers, and photographic records. The study observes that public and bodily symbolic manifestations operate as forms of claim-making and remembrance, pointing to transformations in the ways mourning is experienced, shared, and territorialized.

Keywords: Contemporary Mourning. Memory. Mourning Externalization. Body.

Resumen: Considerando el morir y los rituales que lo rodean como construcciones sociales, este artículo examina las prácticas contemporáneas de externalización del duelo a partir del caso del asesinato de un joven en Vitória (Espírito Santo - Brasil). El análisis se basa en materiales de redes sociales, periódicos locales y registros fotográficos. Se observa que las manifestaciones simbólicas públicas y corporales funcionan como formas de reivindicación y memoria, señalando transformaciones en las maneras de vivir, compartir y territorializar el duelo.

Palabras-clave: Duelo contemporáneo. Memoria. Externalización del Duelo. Cuerpo.

¹ Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, com bolsa de pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Lattes: [1367482599102119](https://lattes.cnpq.br/1367482599102119) - E-mail: paloma93barcelos@hotmail.com.



*Eles combinaram de nos matar, mas a gente combinamos de não morrer!
Excerto de Conceição Evaristo, Olhos D'água*

Introdução

Toda morte desperta questionamentos e reflexões, mas algumas nos fazem rever nossas crenças e visões de mundo. O luto é uma experiência intensa, pois confronta até as camadas mais profundas da nossa identidade e da nossa capacidade de desejar e amar. Acredita-se que a morte de qualquer indivíduo atinge intensamente os vivos, familiares e amigos sofrem por uma vida perdida. Quando a morte é considerada desnecessária, resultado de uma banalidade ou de uma violência evitável, o luto tende a assumir contornos de protesto público.

Nesse sentido, o luto individual pode se tornar uma expressão coletiva, especialmente quando as causas da morte são socialmente condenáveis ou previsíveis. Nessas circunstâncias, o sofrimento mobiliza encontros, marchas, faixas, altares e homenagens em formas públicas de expressar dor e de reivindicar justiça. Ainda que o luto seja frequentemente compreendido como uma experiência íntima e solitária, ele carrega também o potencial de gerar um senso de pertencimento e de comunidade política (Butler, 2009).

No ato coletivo de externalização do luto, compreendemos esses novos rituais como formas de *memorialização espontânea*, marcadas por características específicas desse tipo de ritual emergente e contemporâneo. Diante da dor, os enlutados assumem novas formas de expressão do luto, em resposta às necessidades de uma sociedade em transformação (Santino, 2006; Margry & Sánchez-Carretero, 2011). Dessa forma, entendemos os *memoriais espontâneos* como conjuntos de lembranças deixadas no local da morte da pessoa falecida, frequentemente compostos por cruzes, flores, bilhetes e outros objetos simbólicos referentes aquela morte (Dobler, 2011).

Esse tipo de externalização do luto projeta a dor para a esfera pública, transformando o local da morte, como ruas, calçadas, rodovias e fachadas de bares, em territórios de memória e reivindicação. Diferentemente dos territórios tradicionalmente associados ao luto, como igrejas e cemitérios, esses memoriais acontecem em lugares do cotidiano, acessíveis e visíveis, convidando a participação de pessoas que, mesmo sem laços íntimos com a vítima,



se identificam com a tragédia e assumem um papel ativo no ritual. Assim, a *memorialização espontânea* para além de ampliar os limites de quem pode viver o luto, também ressignifica o território urbano e os sentidos da morte, articulando o sofrimento à denúncia social (Maddrell & Sidaway, 2010). Ao mesmo tempo em que presta homenagem à vítima, esse tipo de ritual amplia seu foco, abordando questões sociais e culturais amplas, como por exemplo a insegurança pública, a negligência estatal ou a luta por direitos básicos. Nessas circunstâncias, o luto se converte em uma forma de resistência coletiva.

A externalização do luto, nesse contexto, também se apoia em uma das principais ferramentas do contemporâneo: as mídias digitais. Sabemos que muitos levantes e atos são articulados por meio de aplicativos e redes sociais, e, diante de uma cobertura midiática intensa sobre uma morte violenta, a dor ultrapassa o círculo íntimo da vítima e passa a ser compartilhada socialmente. Pela *memorialização espontânea*, os participantes expressam emoções que costumam ser silenciadas nos rituais tradicionais de luto, como raiva, desejo de vingança ou frustração, além de demonstrarem uma preocupação com a sociedade, como se perguntassem: ‘quem mais estamos esperando morrer nessas circunstâncias? Será eu?’.

Essas mortes, muitas vezes percebidas como evitáveis, passam a ser entendidas como símbolos do fracasso dos sistemas que deveriam nos proteger. Nesse sentido, o luto deve ser compreendido como uma experiência multifacetada, onde os sobreviventes elaboram seus sentimentos por meio de diferentes formas de expressão, individuais e coletivas, íntimas e públicas (Foote, 2003; Santino, 2006).

Este artigo toma como ponto de partida o assassinato do jovem Breno Rezende, ocorrido em 15 de março de 2025, na Rua Arthur Czartoryski, na cidade de Vitória, capital do estado de Espírito Santo - Brasil, para investigar como sua morte, em um território urbano frequentemente movimentado por jovens, desencadeou manifestações simbólicas e públicas de dor. Tatuagens feitas por amigos, protestos no local do crime e memoriais improvisados demonstram uma complexa relação entre sofrimento, território e pedido de justiça.

A partir da análise deste caso, este estudo busca compreender um fenômeno maior, no qual a violência cotidiana inscreve-se nos corpos, nas ruas e nas memórias. Assim, os objetivos deste artigo são: analisar as formas de externalização do luto pelo assassinato de Breno por meio de manifestações simbólicas individuais e coletivas, além de compreender



como o luto se transforma em manifestações de resistência e reivindicação de justiça, ressignificando o local da morte como território de memória.

Caminhos metodológicos: a investigação das externalizações do luto contemporâneo

Para compreender o fenômeno da expressão do luto externalizado no território urbano, delineamos um percurso metodológico pautado em quatro frentes: (1) o levantamento teórico sobre práticas contemporâneas de luto; (2) a escolha e análise de um estudo de caso situado; (3) a análise dos discursos produzidos por veículos de imprensa e redes sociais, com foco na construção narrativa do caso no debate público e (4) a observação de manifestações simbólicas do luto, inscritas no corpo e no território.

A primeira etapa consistiu na busca por referencial teórico que abordasse a externalização do luto no espaço visível especialmente por meio de práticas como a memorialização espontânea, as tatuagens memoriais e outras formas simbólicas de luto contemporâneo. Para isso, selecionamos bibliografia diversificada, nacional e internacional, que discute as relações entre morte, memória, território, afetos e mídia, buscando compreender como o luto se manifesta de forma coletiva, corporal e territorial.

Em seguida, selecionamos, como estudo de caso, o assassinato de Breno Rezende, ocorrido em 15 de março de 2025 na capital capixaba, Vitória. A escolha do caso se justifica por suas diferentes manifestações e expressões de luto coletivo contemporâneo e por ter ocorrido na cidade onde vive a autora do artigo, o que permitiu acompanhar de perto as manifestações simbólicas e os desdobramentos públicos gerados pelo acontecimento. Essa proximidade com o território favoreceu uma observação sensível dos modos como o luto foi marcado e compartilhado, tanto no território urbano quanto nas redes sociais, permitindo uma análise situada e comprometida com os aspectos éticos da pesquisa.

A partir do estudo de caso, observamos diferentes formas de expressão do luto. No plano coletivo, analisamos as manifestações populares realizadas em frente ao bar onde Breno foi assassinado, compreendendo esses eventos como práticas de memorialização espontânea no território. No plano individual, destacamos as tatuagens feitas por amigos de Breno, entendidas como inscrições simbólicas do luto no corpo, que ao mesmo tempo são íntimas e coletivas, no sentido de serem uma prática individual com desdobramento público,



pela via da visibilidade. Com base nessa prática, nos aproximamos da noção do corpo como *território morrente*², onde o sofrimento é inscrito como memória viva.

Por fim, consideramos as camadas discursivas apresentadas pela circulação midiática, na reconstrução digital do caso. Analisamos reportagens publicadas por veículos locais como *A Gazeta*, *A Tribuna Online*, *Folha Vitória* e *Século Diário* com o objetivo de compreender como a imprensa construiu a narrativa em torno da morte de Breno. De forma complementar, examinamos as postagens e chamadas promovidas pelo *Levante da Juventude Capixaba*³ nas redes sociais, que desempenharam um papel importante na articulação e convocação para os atos de memorialização espontânea.

Com base nesse percurso metodológico, a próxima seção apresenta o referencial teórico que sustenta a análise, articulando autores que trabalham o luto como experiência coletiva, territorial, simbólica e política.

Memória, corpo e resistência: bases teóricas para compreender o luto contemporâneo

O luto é uma experiência complexa e subjetiva, atravessada por dimensões emocionais, sociais e culturais. Entre os estudiosos que se dedicaram a compreender esse processo, Freud (1996), destacou o papel do tempo e da elaboração psíquica diante da perda. Ainda que as reações variem de pessoa para pessoa, existe um entendimento comum: o luto não se resolve de forma imediata e demanda espaço simbólico e tempo para que a ausência possa ser integrada à vida. Neste artigo, adotamos o conceito de Worden (2013, p. 4), que define o luto como “uma experiência de quem perdeu, por morte, uma pessoa amada”. A morte pode ocorrer por diferentes causas, como idade avançada, doenças ou, com frequência crescente, por violência. Quando a perda resulta de um ato violento, o impacto tende a ser mais duradouro e, muitas vezes, leva ao chamado *luto complicado* (Worden, 2013, p. 38).

² A ideia de *corpo como território morrente* deriva da concepção de *corpo morrente* presente em Judith Butler. Para a autora, a vida corpórea é marcada por uma vulnerabilidade constitutiva, pois todos os corpos estão expostos à dor, à perda e à morte. Essa condição permite compreendê-los como entidades sempre prestes a morrer, não apenas biologicamente, mas também politicamente. Ver: Butler, 2009.

³ O *Levante Popular da Juventude* é um movimento social formado por jovens militantes que atuam na luta de massas por transformações estruturais na sociedade brasileira. Em suas redes sociais, o grupo se identifica como parte de um projeto popular comprometido com a resistência às injustiças e desigualdades. Fundado em 2012 no Rio Grande do Sul, o movimento se nacionalizou nos anos seguintes, com a criação de núcleos em diferentes Estados, entre eles o Espírito Santo, onde se organiza sob o nome de *Levante da Juventude Capixaba*.



Para Butler (2019), viver em um mundo onde a morte pode ser causada pelo capricho de alguém nos coloca diante da convivência constante com o medo da perda.

A maneira como nos relacionamos com a morte se transformou ao longo do tempo. Em décadas passadas, era habitual velar os mortos na casa onde viveram, preparar o corpo junto à família e manter uma relação de proximidade com os rituais de despedida. Hoje, esse contato é cada vez mais distante e a morte passou a ser tratada como um acontecimento privado e silencioso, frequentemente escondido do convívio social (Elias, 2001). Tais mudanças demonstram que a experiência da morte é socialmente e historicamente construída, ou seja, cada época desenvolve modos distintos de lidar com a finitude, refletindo os valores culturais, religiosos e institucionais constantemente em transformação (Ariès, 1988).

No contexto brasileiro, podemos distinguir três momentos. Inicialmente, em uma sociedade pouco numerosa, fundamentalmente católica, no contexto colonial brasileiro, as pessoas morriam em casa, eram veladas no mesmo local da morte e, no cortejo fúnebre, o corpo era exposto à despedida e levado em procissão para a mesma igreja que o defunto frequentava quando vivo, local em que era sepultado sob o assoalho do mesmo lugar em que seus descendentes e amigos continuariam a congregar. Mais tarde, no recorte de uma sociedade medicalizada de virada de século e de regime político no Brasil, a segunda metade do século XIX foi o tempo dos primeiros cemitérios extramuros, além dos limites da cidade: morte em casa, traslado dificultado pela distância, velórios em capelas construídas nos cemitérios para esse fim, sepultamentos em local individual e exclusivo. Edifica-se uma riqueza da cultura material individualizante nos sepulcros dos cemitérios ditos monumentais pelo nascimento de um novo tipo de arte de monumento e estatuária: a arte tumular ou funerária. Em um terceiro recorte, asséptico e contemporâneo, destaca-se a morte no hospital, longe da família e distante das crianças, o velório preparado por especialistas, o corpo que tenta guardar as características “de vivo” por meio das técnicas de tanatopraxia, o caixão coberto de flores deixando apenas as mãos e o rosto expostos, o sepultamento nas sepulturas gramadas de um “parque” (Reis, 1991; Teixeira, 2022).

A consequência desse processo é a redução das oportunidades simbólicas para elaborar a perda. O luto, que antes era vivido com apoio da comunidade, passa a ser enfrentado de forma mais solitária, o que amplia a necessidade de criar formas de expressão e de presença da memória dos mortos na vida dos vivos. Diante disso, surgem práticas que vão



além dos espaços e tempos instituídos pelas tradições funerárias. No contexto contemporâneo, observamos a ampliação de manifestações de luto, tanto individuais, quanto coletivas. Tatuagens em homenagem aos mortos, altares e cruzeiros improvisados nas estradas, homenagens em locais simbólicos da cidade, manifestações públicas, postagens nas redes sociais, manutenção de perfis de pessoas falecidas nessas mesmas redes, sintetização de diamantes do carbono de cinzas de cremação, são exemplos de como o sofrimento é externalizado. Essas expressões, sobretudo em casos de mortes violentas, frequentemente se tornam manifestações de um luto público.

Esse movimento tem despertado crescente interesse nas Ciências Sociais e Humanas, que a partir dos anos 1990 passaram a explorar a relação entre luto, memória e espaço (Maddrell & Sidaway, 2010; Woodthorpe, 2010). Essa abordagem tem contribuído para ampliar os marcos teóricos com os quais se analisa o modo como a morte é vivida, representada e territorializada nas sociedades contemporâneas.

É nesse contexto que *memoriais espontâneos* passam a ocupar um lugar importante na sociedade contemporânea. Eles representam formas de homenagear pessoas que morreram de maneira súbita ou violenta e de reconhecer as circunstâncias que envolveram essas mortes. É o caso do movimento *Ghost Bike*, que instala bicicletas pintadas de branco em locais onde ciclistas foram atropelados e, também, das cruzeiros colocadas às margens das rodovias após acidentes automobilísticos fatais (Teixeira, 2024). Esses marcos funcionam como *cenotáfios urbanos*, ou seja, monumentos erigidos em espaços públicos, que não contêm os corpos, mas que carregam significados profundos de luto e denúncia (Laqueur, 2015). Além de registros simbólicos da perda, os *cenotáfios* transformam a paisagem e reivindicam a presença dos mortos na vida pública.

Essas formas de memorialização precisam ser compreendidas de maneira atenta, pois revelam modos específicos de marcar o território e de dar visibilidade à dor. São práticas que ultrapassam os rituais funerários tradicionais e criam outras possibilidades de presença dos mortos na vida dos vivos. Dessa forma, esses memoriais expressam ao mesmo tempo o desejo de lembrar e o de intervir: a memória se associa à denúncia, o gesto de homenagear pode ser entendido como uma forma de reivindicação (Santino, 2006).

Para além dos territórios urbanos e das manifestações coletivas, o corpo dos vivos também se torna suporte para a memória dos mortos. Tatuagens feitas em homenagem a



pessoas falecidas representam uma forma de memorialização espontânea, que não depende de autorização institucional, nem da permanência física no espaço público. Elas inscrevem o luto na pele e carregam significados profundos, tanto pessoais, quanto sociais. Em muitos casos, essas tatuagens funcionam como uma forma de resistência à invisibilidade, afirmando a presença simbólica do ausente no cotidiano de quem permanece (Davidson, 2017). Compreendemos que essas homenagens elaboram o luto de forma íntima e, ao mesmo tempo, pública, mantendo viva a memória daquele que partiu. Nesse contexto, entendemos que esse gesto deve ser percebido como um *cenotáfio corporal*, ou seja, um memorial inscrito no corpo de quem sobrevive, corpo este que, por sua vez, está também em processo de finitude, ou seja, um corpo morrente.

As tatuagens memoriais assumem diversas formas, conforme os símbolos escolhidos, que muitas vezes só fazem sentido para quem conhecia intimamente o falecido. São frequentemente encontradas tatuagens com retratos, assinaturas, datas e até mesmo trechos de poemas ou canções que o homenageado apreciava. Dessa forma, as tatuagens memoriais se configuram como “[...] uma forma de comunicar aos outros a conexão contínua com a pessoa falecida” (Cadell *Et al.*, 2020, p. 6).

No entanto, a memória dos mortos não se inscreve apenas no território urbano ou na pele, ela também circula intensamente pelos meios de comunicação. A mídia tem papel relevante na construção das narrativas sobre a morte, especialmente em situações de grande comoção pública. Nessas situações, a dor é exposta, compartilhada e interpretada publicamente, o que reorganiza afetos e amplia a repercussão dos lutos. Os processos de memorialização que se seguem tornam-se cada vez mais públicos e profundamente mediados por tecnologias, assim como os próprios acontecimentos que lhes deram origem (Cavarero, 2007).

Em um cenário marcado pela espetacularização da dor, os corpos mortos passam a ocupar um lugar de visibilidade e disputa simbólica, expressando o que Katherine Verdery (1999) descreve como a *vida política dos cadáveres*. As mídias digitais, em particular, intensificam essa visibilidade e possibilitam mobilizações coletivas em torno de mortes específicas, transformando a perda em um ponto de partida para ações públicas e reivindicações de justiça.



As reflexões desenvolvidas até aqui contribuem para compreender como o luto, nas sociedades contemporâneas, assume formas que extrapolam os espaços institucionais e se expressa por meio de práticas simbólicas corporais, territoriais e comunicacionais. Memoriais de base, tatuagens, homenagens e reivindicações mediadas por tecnologias digitais indicam a reconfiguração das formas de presença dos mortos na vida dos vivos, especialmente quando a morte ocorre de forma violenta.

Com base nesse arcabouço teórico, passamos à análise do caso de Breno Rezende de Carvalho, jovem assassinado em Vitória, cuja morte repercutiu em diversas formas de manifestação pública, como tatuagens, protestos simbólicos e mobilizações em frente ao bar onde ocorreu o crime. O exame dessas expressões nos permitirá compreender, em escala concreta, como práticas de memorialização espontânea articulam memória, corpo e reivindicação social no luto contemporâneo.

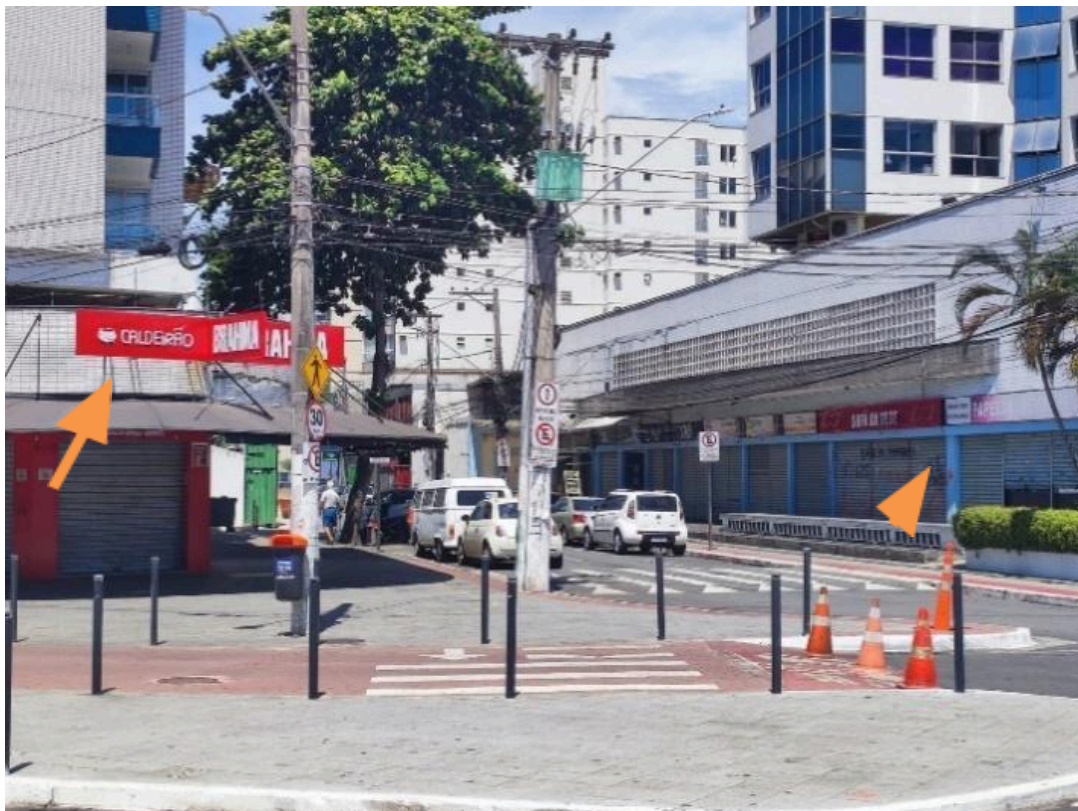
Estudo de caso: Breno Rezende e as formas contemporâneas de externalização do luto

O caso aqui analisado ocorreu na Rua Arthur Czartoryski, na região conhecida como *Lama* ou *Rua da Lama*, localizada no bairro Jardim da Penha, em Vitória. Trata-se de uma área de classe média, caracterizada pela presença de muitos bares e intensa circulação de jovens, devido à proximidade com a Universidade Federal do Espírito Santo.

A escolha deste estudo de caso não desconsidera a realidade cotidiana de assassinatos de jovens negros no Brasil, muitas vezes em territórios periféricos e com escassa repercussão pública. O que torna este caso relevante para a análise são as manifestações de luto que se seguiram ao assassinato e a forma como a mídia contribuiu para ampliar as reivindicações por justiça. A visibilidade alcançada aponta para os mecanismos sociais que condicionam quais mortes se tornam lamentáveis coletivamente, revelando que o luto público também é atravessado por disputas simbólicas (Butler, 2009) e que tais disputas operam através do campo jornalístico e das redes sociais, como arenas de legitimação (Bourdieu, 1997).

No sábado, 15 de março de 2025, o jovem Breno Rezende de Carvalho, de 25 anos, estava com amigos em um dos bares da Rua da Lama. Naquela noite, o grupo passou por dois bares localizados um, praticamente, de frente ao outro: o “Caldeirão” e o “Sofá da Hebe”, ambos pertencentes a membros de uma mesma família. Vejamos a fotografia que apresenta os dois bares e a proximidade entre eles:

Figura 1: Rua Arthur Czartoryski, no bairro Jardim da Penha, em Vitória, com as fachadas dos dois bares envolvidos no estudo de caso



Fonte: Banco de imagens da autora.

Após consumirem produtos no primeiro bar (Caldeirão), houve um desentendimento entre Breno e o irmão do proprietário, que alegou o não pagamento de uma cerveja, no valor de dezesseis reais. O grupo de amigos decidiu ir embora após pagar o que achavam devido e seguir para um segundo bar (Sofá da Hebe). Alguns minutos depois, o homem com quem Breno discutiu, que também gerenciava o segundo bar onde os jovens estavam, atravessou a rua portando uma faca ocultamente. Ao se aproximar da vítima, a agressão foi súbita e ocorreu diante de diversas testemunhas. Breno foi atingido uma única vez, profundamente, no peito e não resistiu ao ferimento. O agressor deixou o local imediatamente em um veículo que o aguardava (Lima, 2025, s. p).

O episódio teve ampla repercussão, em parte devido à existência de registros audiovisuais impactantes do momento da agressão, que circularam rapidamente pelas redes sociais. A presença de câmeras, o espaço público e a velocidade de difusão contribuíram para a visibilidade imediata do caso, transformando a morte de Breno em um evento midiático.



As filmagens que circularam pelas mídias sociais mostraram com nitidez a frieza e a violência do assassinato, provocando escândalo imediato e mobilizando sentimento de revolta coletiva. Jornais tradicionais da cidade, como *A Gazeta*, *Tribuna Online*, *Folha Vitória*, além de veículos televisivos, repercutiram o caso, reproduzindo as imagens do ataque e tratando o episódio como uma tragédia de forte comoção pública.

Neste processo, observamos uma dinâmica que vai além da simples notificação do fato, trata-se de uma espetacularização da morte, em que os meios de comunicação constroem a narrativa de forma a reforçar a indignação social. Não se trata de negar a gravidade do crime ou a dor legítima causada pela perda, mas de compreender que as informações veiculadas são sempre mediadas por filtros morais e afetivos, que orientam o olhar do público para determinados sentidos.

No discurso jornalístico, Breno foi apresentado como um jovem promissor:

[...] um profissional da área de informática e que recentemente havia montado sua própria empresa. Segundo a família, ele passou por momentos difíceis após perder a mãe na pandemia, mas superou a depressão com apoio e tratamento (*Redação Folha Vitória*, 2025, s. p.).

A construção dessa imagem da vítima vai além da descrição factual, existe uma valorização afetiva da trajetória de Breno, que agrega à narrativa do fato outros elementos de superação, luto anterior e conquista profissional. A pergunta que surge é: qual função simbólica essas informações exercem na construção do luto público? Em outras palavras, por que precisamos saber que ele superou a depressão ou que montou sua própria empresa para que sua morte seja considerada trágica e injusta? O que está em debate é a maneira como a mídia busca legitimar a dor coletiva, conferindo (ou não) valor à vida interrompida. Nesse sentido, assim como Butler (2009), nos perguntamos: ‘qual vida deve ser lamentada?’.

Enquanto isso, o agressor foi apresentado como alguém com um histórico de criminalidade, com passagens pela polícia e envolvimento em outros episódios de violência, “[...] já tinha várias passagens pela Polícia Militar e, entre os crimes, estão: prisão por porte ilegal de arma de fogo, autuações por embriaguez ao volante e desacato” (*Redação Folha Vitória*, 2025, s.p.).

Essa representação, por sua vez, atua para consolidar a imagem do inimigo moral, elaborando um fato que “poderia ter sido evitado”, praticado por quem “não deveria estar solto”. A estrutura narrativa da tragédia passa, então, por dois eixos opostos: vítima e autor



ideais. Ambos os enquadramentos não são casuais, respondem à lógica midiática de personalização da tragédia e de atribuição de sentido moral aos acontecimentos (Bourdieu, 1997).

Essa oposição entre as figuras da vítima e do agressor estruturou a forma como o caso foi noticiado e recebido socialmente. As representações veiculadas orientam o modo como o luto se torna público e reconhecido. O discurso jornalístico, ao destacar certos aspectos e silenciar outros, participa ativamente da construção do valor da perda, definindo o que deve ser lembrado, quem pode ser lamentado e quais vidas são consideradas legítimas para o sofrimento coletivo. Esse processo de construção simbólica da morte está diretamente relacionado ao papel político dos mortos, que podem possuir força e expressão social, dessa forma, o corpo morto continua representado no mundo dos vivos, sendo apropriado por disputas simbólicas, afetivas e territoriais (Verdery, 1999). No caso de Breno, a tragédia de sua morte violenta e banal provocou mobilizações que transformaram o luto em demanda pública e inscreveram sua memória no território urbano. A rua onde o crime ocorreu passou a concentrar manifestações e símbolos que deslocaram o sofrimento privado para o campo da memória coletiva e da reivindicação por justiça.

Performar o luto: o protesto e a territorialização da memória

A brutalidade do assassinato de Breno causou um sentimento coletivo de injustiça e revolta. A forma como a agressão foi registrada, difundida e consumida publicamente ampliou o impacto do ocorrido. O vídeo circulou de forma quase instantânea pelas redes sociais, alcançando centenas de pessoas e expondo a violência em sua crueza. O sentimento coletivo ultrapassou o medo ou a indignação convencional diante da violência urbana. Foi um episódio que provocou o que Adriana Cavarero (2007) chama de *efeito de horror*, ou seja, uma violência que excede a morte e desfigura simbolicamente a singularidade humana. Essa violência atinge o corpo como portador de dignidade, não apenas o corpo biológico, e inscreve uma dor que não se limita à vítima, mas se espalha socialmente. Afinal, uma vida vale dezesseis reais?

Nesse contexto de forte comoção, no dia 17 de março, o grupo *Levante da Juventude Capixaba* publicou em sua página no *Instagram* um convite à sociedade para participar de um ato por justiça em frente ao bar Sofá da Hebe, conforme mostram as figuras 2 e 3. A

manifestação reuniu familiares abalados, amigos e pessoas que não conheciam Breno, mas que se comoveram pela violência e compartilharam o sentimento de luto.

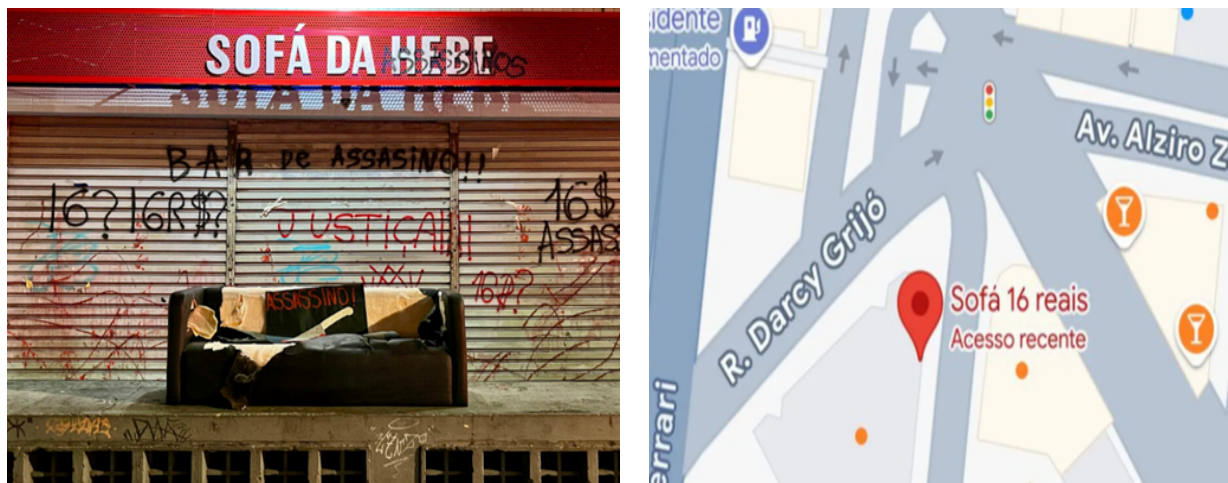
Figura 2 e Figura 3: À esquerda, convite para a manifestação em memória de Breno; à direita, publicação do mesmo coletivo no Instagram no dia seguinte ao ato



Fonte: Captura de tela da conta pública no *Instagram* do Coletivo *Levante da Juventude Capixaba*; imagem à esquerda publicada em 17 de março de 2025 e imagem à direita em 18 de março de 2025.

Os símbolos utilizados na manifestação ajudam a compreender como os sentimentos dos enlutados foram expressos publicamente. Durante o protesto, em meio aos gritos por justiça e forte comoção, os manifestantes levaram um sofá com a inscrição “Breno ainda vive”. A porta do bar permaneceu fechada durante toda a mobilização e diversos cartazes com frases exigindo justiça foram colados no local. A repercussão do caso se intensificou também nas plataformas digitais e, ainda no dia 17 de março, o nome do bar foi alterado no *Google Maps* por usuários, passando de “Sofá da Hebe” para “Sofá 16 reais”, em referência ao valor da cerveja que teria motivado a discussão. A rua, cenário da morte, foi ocupada como território simbólico. Vejamos as figuras 4 e 5:

Figura 4 e Figura 5: À esquerda, o sofá utilizado na manifestação, em frente à fachada do bar onde ocorreu o assassinato; à direita, captura de tela do *Google Maps* com a alteração simbólica do nome do bar



Fonte: Foto à esquerda de Leonardo de Sá, publicada em 22 de março de 2025 no *Século Diário*; imagem à direita reproduzida pelo *A Gazeta Online* em 17 de março de 2025, a partir de captura do *Google Maps*.

A presença do sofá como peça central da manifestação exemplifica o que Santino (2006) descreve como *mise-en-scène memorial*, ou seja, uma ambientação construída para que o evento público do luto possa ser exposto e performado diante de uma audiência pública. Tais performances produzem uma experiência coletiva que coloca o sofrimento “em cena” e inscreve simbolicamente a dor no território (Fischer-Lichte, 2005).

Essas ações podem ser compreendidas como manifestações do luto contemporâneo, em que a dor pela perda é expressa de forma coletiva, simbólica e vinculada a reivindicações por justiça. Peter Jan Margry & Cristina Sánchez-Carretero, no livro *Grassroots Memorials* (2011), analisam práticas similares e argumentam que os atos realizados após mortes traumáticas, conduzidos por pessoas próximas ou afetadas, são formas de memorialização que expressam o sofrimento e dão sentido à ausência.

Ao analisarmos o acontecimento, chama atenção o fato de que os familiares de Breno se juntaram ao grupo e participaram ativamente do ato, como forma de expressar a dor e compartilhar o luto. A presença de tantas pessoas mobilizadas em torno da memória do jovem demonstrou à família que o sofrimento era coletivo, o que parece ter contribuído para um sentimento de acolhimento. O pai de Breno, presente no protesto, relatou em entrevista ao jornal *Século Diário* que estar ali era:

[...] uma dor que não tem reparação, mas esses movimentos de apoio, de manifestação de carinho ao Breno, trazem um pouco de alento ao coração por saber



que nosso menino, em pouco tempo de vida, conseguiu construir essa rede de afeto, de carinho, de amor (Dal-Gobbo, 2025, s.p.).

A manifestação, embora localizada, articulou um *memorial expandido*, já que os manifestantes ocuparam toda a rua e deixaram marcas visuais que prolongaram o luto no território. Esse tipo de externalização diante de uma morte traumática ampliou o espaço da memória e transformou o trajeto em ritual performativo (Margry, 2008). No caso de Breno, embora não tenha ocorrido uma marcha formal⁴, a reunião de corpos, os cartazes espalhados e a mobilização nos arredores do bar produziram uma extensão simbólica do memorial, ativando o entorno como espaço de significação afetiva. A ausência de uma marcha pode estar relacionada à natureza repentina da organização do ato, convocado de forma espontânea e imediata pelas redes sociais. Essa mobilização veloz, marcada por urgência emocional e revolta, concentrou-se no local exato da violência, reforçando o impacto da territorialização direta do luto.

Com o passar dos dias, o memorial espontâneo passou por mudanças. O sofá foi retirado, mas a fachada do bar permaneceu por algum tempo com pichações e mensagens de protesto. Em maio, cerca de dois meses após o assassinato, a placa com o nome do bar foi removida e, desde então, o local permanece fechado, pintado e sem sinalização comercial. Ainda que fisicamente esvaziado, esse território segue carregando traços da ausência e do trauma. No entanto, ao revisitar o local, a percepção é de apagamento. O local do bar torna-se difícil de identificar e a paisagem parece ter absorvido o evento em seu silêncio, como se apenas quem acompanhou o caso soubesse o que aconteceu ali. Isso evidencia uma tensão entre a inscrição simbólica da memória e os processos de esquecimento que operam no cotidiano urbano. O território, mesmo que marcado, também é atravessado por camadas de invisibilidade já que após a remoção de um memorial, permanece um vazio que continua a representar o trauma e sua memória, mas esse vazio só se atualiza como lugar de memória na medida em que é reconhecido e lembrado por sujeitos que compartilham a experiência da perda (Margry & Sánchez-Carretero, 2011).

⁴ Neste artigo, utilizamos o termo “marcha formal”, tal como apresentado por Peter Jan Margry no capítulo introdutório da obra *Shrines and Pilgrimage in the Modern World: New Itineraries into the Sacred* (2008), organizada pelo próprio autor. Nesse contexto, “marcha formal” refere-se a manifestações públicas ritualizadas, com trajeto previamente definido e marcadas por elementos simbólicos que estruturam a performance coletiva.

Diante do esvaziamento da memória no território, os amigos de Breno encontraram outra forma de externalização do luto: o registro no próprio corpo. A memória desloca-se do território público e coletivo para o corpo individual, mas permanece pública em sua forma simbólica visível.

A memória da pele: o corpo como lugar de externalização do luto

Alguns dos amigos de Breno decidiram homenageá-lo com tatuagens, inscrevendo sua memória na pele como forma de presença contínua. Essa escolha, para além de uma recordação íntima, expressa o vínculo afetivo e inscreve o luto de forma visível, durável e compartilhável. As tatuagens funcionam como *monumentos corporais*, transformando o corpo em suporte de memória e em território simbólico de resistência. Vejamos as figura 6 e 7:

Figura 6 e Figura 7: À esquerda, imagens das tatuagens com a sigla “BRZC”, feitas por amigos de Breno com base em sua caligrafia. À direita, registro dos amigos após a realização da homenagem



Fonte: Reportagem publicada no portal *Folha Vitória*, em 20 de março de 2025, com texto e imagens de autoria de Maria Clara Leitão.

Na ocasião, treze amigos tatuaram a sigla “BRZC”, que eram as iniciais do nome completo de Breno, utilizando a própria caligrafia do morto como forma de manter sua presença viva no cotidiano. A escolha da tatuagem como forma de homenagem demonstra uma tentativa de elaborar a perda por meio da inscrição da ausência na própria pele. Esses registros corporais simbolizam o vínculo afetivo com o jovem assassinado e funcionam como forma de narrar o luto, materializando a memória em um suporte efêmero, porém, significativo que é o *corpo morrente*, enquanto permanece no mundo dos vivos. A repetição da mesma inscrição entre diferentes corpos reforça a ideia de pertencimento coletivo a uma



história comum, produzindo um elo entre o morto e os vivos, que resistem ao apagamento da lembrança e à solidão do luto. A tatuagem, nesse contexto, transforma-se em gesto de resistência simbólica e em dispositivo de comunicação da dor, atuando como forma de consolo e expressão biográfica visual (Cadell *Et al.*, 2020; Davidson, 2017).

No Brasil, ainda são raros os estudos que abordam as *tatuagens memoriais* como expressão do luto. No entanto, esse tipo de prática tem se revelado uma linguagem potente para compreender as formas contemporâneas de vivenciar e expressar uma perda. Como aponta Oliveira (2021), o estudo da vida cotidiana, de gestos ordinários e corpos marcados por significados simbólicos, permite resgatar o sentido das ações humanas, mesmo em expressões aparentemente banais, como as tatuagens historicamente marginalizadas. Nesse sentido, as tatuagens memoriais nos convidam a refletir sobre como as formas de viver o luto se transformaram ao longo do tempo.

Modelos clássicos, como o de Freud (1996), interpretaram o luto como um processo necessário de desligamento emocional do ente perdido, com o objetivo de preservar a saúde psíquica do enlutado. Já Elisabeth Kübler-Ross (1996), em sua conhecida proposta das cinco fases do luto, descreveu um caminho que finaliza na aceitação da perda. Essas teorias foram fundamentais para a compreensão do sofrimento psíquico e influenciaram tanto a clínica, quanto o imaginário social sobre como se deve lidar com a morte (Freud, 1996; Kübler-Ross, 1996). Contudo, pesquisas mais recentes, como as reunidas no livro *Continuing Bonds: New Understandings of Grief* (1996), indicam que, em muitos casos, o vínculo com a pessoa falecida não se rompe a partir do evento morte. Pelo contrário, ele é ressignificado e continua a exercer presença simbólica e afetiva no cotidiano daqueles que ficaram. Nesse livro, os autores e psicólogos Klass, Silverman & Nickman (1996) propuseram a teoria dos *laços contínuos*, na qual argumentam que manter um vínculo com o falecido é importante para a reorganização da vida psíquica do enlutado, pois, em vez de se desvincular do morto, o enlutado reelabora a ausência por meio de ações simbólicas que atualizam o laço de forma relacional.

As tatuagens memoriais feitas pelos amigos de Breno exemplificam como o luto pode ser elaborado por meio de práticas simbólicas que ressignificam a ausência. Ao transformar o corpo em espaço performativo de inscrição da perda, demonstram que o sofrimento não se limita à interioridade da experiência individual, mas pode ser partilhado, visualizado e vivido



coletivamente. Essas tatuagens, ao manterem viva a memória do falecido no cotidiano dos vivos, podem ser compreendidas como expressões materiais dos *laços contínuos* (Klass, Silverman & Nickman, 1996). No contexto contemporâneo, em que os modos de viver o luto e de representar a morte estão em transformação, essas manifestações revelam novas formas de elaborar a ausência, articulando o íntimo e o público, o afeto e a memória.

Considerações Finais

O luto, portanto, não se manifesta de forma única. Trata-se de um processo subjetivo, atravessado por vínculos afetivos, trajetórias individuais e contextos socioculturais nos quais se inscreve. O caso de Breno expõe essa complexidade ao mobilizar uma série de práticas simbólicas que expressam dor, inconformidade, saudade e pertencimento. As formas de *externalização do luto* que emergiram revelam um conjunto de estratégias que possibilitam compartilhar a dor e transformá-la em demanda por justiça. Nesse sentido, o luto também se constitui como um campo de visibilidade e reconhecimento político.

Essas manifestações de luto, ao ocuparem o território e o corpo, evidenciam transformações nas formas contemporâneas de elaborar a perda. Em um contexto em que os rituais tradicionais perdem centralidade e as emoções se deslocam para a esfera da visibilidade digital e urbana, práticas como *memoriais espontâneos* e *tatuagens memoriais* surgem como respostas legítimas à ausência. Essas expressões conectam o sofrimento íntimo a uma memória coletiva e insurgente, que recusa o apagamento e reivindica o direito de lembrar. Nelas, o luto se atualiza como linguagem política da dor. Reivindicar vidas apagadas pela violência é uma forma de resistência que não recorre à vingança, mas busca afirmar a dignidade das existências interrompidas. O luto, dessa forma, pode ser mobilizado como gesto ético, capaz de produzir reconhecimento, solidariedade e memória (Butler, 2009).

Essa visibilidade, contudo, não ocorre em um campo neutro. Como aponta Bourdieu (1997), os meios de comunicação operam com enquadramentos que selecionam quais vidas serão choradas e quais mortes merecem atenção. Por isso, cabe aos pesquisadores e aos leitores atentos exercer um olhar crítico sobre as narrativas midiáticas, refletindo sobre os critérios que moldam a percepção da dor e atribuem sentidos às vidas e às perdas representadas. O caso de Breno ganhou espaço nos noticiários, mas isso não apaga o fato de que muitas mortes semelhantes permanecem fora do radar da comoção pública.



Quatro dias depois do assassinato de Breno, em 19 de março de 2025, o autor do crime foi preso. Embora tenha representado um desdobramento relevante no campo jurídico, a prisão não encerrou os processos simbólicos de elaboração da perda. A dimensão afetiva da ausência, marcada pela ruptura abrupta da vida, seguiu sendo atualizada em gestos públicos de memória. A continuidade dessas práticas demonstra que, diante de violências tão profundas, o reconhecimento legal é parte da resposta, mas não esgota a necessidade de narrar, dignificar e manter viva a memória de quem se foi.

Diante disso, acreditamos que a temática da externalização do luto contemporâneo merece ser aprofundada nos estudos acadêmicos brasileiros. O caso de Breno foi exemplo de como práticas simbólicas inscritas no corpo e no território podem assumir centralidade na elaboração do luto e na construção de narrativas coletivas de resistência. Refletir sobre essas formas de expressão contribui para compreender os diferentes modos como a memória pode se tornar instrumento de enfrentamento da dor, da invisibilidade e das perdas provocadas pela violência.

Referências

- Ariès, Philippe. **Sobre a história da morte no ocidente desde a Idade Média**. Lisboa: Teorema, 1988.
- Bourdieu, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- Butler, Judith. **Frames of War: When Is Life Grievable?** New York: Verso, 2009.
- Butler, Judith. **Vida precária: Os poderes do luto da violência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- Cadell, Susan; Lambert, Melissa Reid; Davidson, Deborah; Greco, Carly & Macdonald, Mary. Memorial tattoos: Advancing continuing bonds theory. **Death Studies**, v. 46, n. 1, p. 1-8, 2020.
- Cavarero, Adriana. **Horrorism: naming contemporary violence**. New York: University Press, 2007.
- Davidson, Deborah. Art embodied: tattoos as memorials. **Bereavement Care**, v. 36, n. 1, p. 33-40, 2017.



Dobler, Robert Thomas. Ghost Bikes: Memorialization and Protest on City Streets. *In*: Margry, Peter; Sánchez-Carretero, Cristina (org). **Grassroots Memorials: The Politics of Memorializing Traumatic Death**. New York: Oxford, 2011. p. 169-187.

Elias, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Fischer-Lichte, Erika. **Theatre, Sacrifice, Ritual: Exploring Forms of Political Theatre**. Abingdon: Routledge, 2005.

Foote, Kenneth E. **Shadowed Ground: America's Landscapes of Violence and Tragedy**. Austin: University of Texas, 2003.

Freud, Sigmund. Luto e melancolia, 1917 [1915]. *In*: Freud, Sigmund. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 243-263.

Klass, Dennis; Silverman, Phyllis R; Nickman, Steven L. **Continuing Bonds: New Understandings of Grief**. Abingdon: Routledge, 1996.

Kübler-Ross, Elisabeth. **Sobre a Morte e o Morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Laqueur, Thomas. W. **The work of the dead: A cultural History of mortal remains**. New Jersey: University Press, 2015.

Maddrell, Avril & Sidaway, James. **Deathscapes: Spaces for Death, Dying, Mourning and Remembrance**. Inglaterra: MPG Books Group, 2010.

Margry, Peter Jan. **Shrines and Pilgrimage in the Modern World: New itineraries into the Sacred**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2008.

Margry, Peter & Sánchez-Carretero, Cristina. **Grassroots Memorials: The Politics of Memorializing Traumatic Death**. New York: Oxford, 2011.

Oliveira, Wellington do Rosário de. Confissões fúnebres, adorno e o frenesi da violência: o significado das tatuagens em criminosos nas revistas policiais do Rio de Janeiro (1907-1940), **Revista TEL - Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 12, n. 2, p. 86-115, 2021.

Reis, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil no século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Santino, Jack. **Spontaneous shrines and the public memorialization of death**. New York: Palgrave Macmillantm. 2006.

Teixeira, Paloma Barcelos. **Ghost bikes: Iconografia da morte e externalização do luto na cidade de Vitória/ES**. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, v. 12, n. 2, p. 52-71, 2024.



Teixeira, Paloma Barcelos. **Sete Palmos de Terra:** Historiografia e desigualdade na formação territorial dos cemitérios de Vitória/ES. Dissertação (Mestrado em Geografia). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2022.

Verdery, Katherine. **The political lives of dead bodies:** Reburial and postsocialist change. Columbia University Press, 1999.

Woodthorpe, Kate. Buried Bodies in an East London Cemetery: Re-visiting Taboo. *In:* Maddrell, Avril; Sidaway, James. **Deathscapes:** Spaces for Death, Dying, Mourning and Remembrance. Inglaterra: MPG Books Group, 2010. p. 57-75.

Worden, J. William. **Aconselhamento do luto e terapia do luto:** um manual para profissionais da saúde mental. São Paulo: Editora Roca, 2013.

Fontes jornalísticas

Dal-Gobbo, Elaine. Aos gritos de Breno, presente! manifestantes pedem justiça na Rua da Lama. **Século Diário**, Vitória, 22 mar. 2025. Disponível em: [\[https://www.seculodiario.com.br/seguranca/aos-gritos-de-breno-presente-manifestantes-pede-m-justica-na-rua-da-lama/\]](https://www.seculodiario.com.br/seguranca/aos-gritos-de-breno-presente-manifestantes-pede-m-justica-na-rua-da-lama/). Acesso em: 15 maio 2025.

Leitão, Maria Clara. Amigos fazem tatuagem em homenagem a jovem morto na Rua da Lama. **Folha Vitória**, Vitória, 20 mar. 2025. Disponível em: [\[https://www.folhavitoria.com.br/cotidiano/amigos-fazem-tatuagem-em-homenagem-a-jovem-morto-na-rua-da-lama/\]](https://www.folhavitoria.com.br/cotidiano/amigos-fazem-tatuagem-em-homenagem-a-jovem-morto-na-rua-da-lama/). Acesso em: 23 maio 2025.

Levante Juventude Espírito Santo. [Convite para manifestação em memória de Breno]. **Instagram**, 17 mar. 2025. Disponível em: [\[https://www.instagram.com/p/DHWBLHMpblk/\]](https://www.instagram.com/p/DHWBLHMpblk/). Acesso em: 05 maio 2025.

Levante juventude Espírito Santo. [Publicação em homenagem a Breno, reafirmando que sua memória permanece]. **Instagram**, 18 mar. 2025. Disponível em: [\[https://www.instagram.com/p/DHZIP94fJcMU/\]](https://www.instagram.com/p/DHZIP94fJcMU/). Acesso em: 02 maio 2025.

Lima, Camila. Quem é o jovem morto esfaqueado na Rua da Lama. **Tribuna Online**, Vitória, 15 mar. 2025. Disponível em: [\[https://tribunaonline.com.br/policia/quem-e-o-jovem-morto-esfaqueado-na-rua-da-lama-233449\]](https://tribunaonline.com.br/policia/quem-e-o-jovem-morto-esfaqueado-na-rua-da-lama-233449). Acesso em: 07 maio 2025.

Redação A Gazeta Online. Nome de bar é alterado em buscadores após assassinato na Rua da Lama. **A Gazeta**, Vitória, 17 mar. 2025. Disponível em: [\[https://www.agazeta.com.br/agora/nome-de-bar-e-alterado-em-buscadores-apos-assassinato-na-rua-da-lama-0325\]](https://www.agazeta.com.br/agora/nome-de-bar-e-alterado-em-buscadores-apos-assassinato-na-rua-da-lama-0325). Acesso em: 10 maio 2025.

Redação Folha Vitória. Família de Breno Rezende busca justiça após assassinato brutal. **Folha Vitória**, Vitória, 19 mar. 2025. Disponível em:



Paloma Barcelos Teixeira

*Do Silêncio ao Gesto: caminhos contemporâneos de luto e memória
em um caso de morte violenta em Vitória (ES)*

[<https://www.folhavoria.com.br/tv-vitoria/balanco-geral-es/familia-de-breno-rezende-busca-justica-apos-assassinato-brutal/>]. Acesso em: 04 maio 2025.

Redação Folha Vitória. Morte na Rua da Lama: dono de bar já tinha várias passagens pela polícia. **Folha Vitória**, Vitória, 19 mar. 2025. Disponível em: [<https://www.folhavoria.com.br/policia/morte-na-rua-da-lama-dono-de-bar-ja-tinha-varias-passagens-pela-policia>]. Acesso em: 10 maio 2025.

Submetido em: 26 de junho de 2025

Avaliado em: 21 de julho de 2025

Aceito em: 01 de agosto de 2025